

O CONTEXTO DO TRABALHO INFORMAL PELA PERSPECTIVA DE TRABALHADORES MOTORISTAS DE UBER

Pedro Augusto dos Reis (PIC/Uem), Sylvia Mara Pires de Freitas
(Orientadora), e-mail: augustopedro.reis@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

7.07.09.00-9 Ciências Humanas; Psicologia do Trabalho e Organizacional
7.07.09.04-1 - Fatores Humanos no Trabalho

Palavras-chave: precarização do trabalho, uberização, existencialismo.

Resumo:

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como trabalhadores de Uber significam o seu trabalho. Para tanto, buscamos em dois grupos públicos de trabalhadores de Uber, formados na rede social virtual *Facebook*, postagens autorais com conteúdo correspondentes aos nossos objetivos propostos. Considerando a pandemia provocada pela Covid-19, foram selecionadas 26 postagens que compreendem o período anterior à medida de isolamento social no Brasil, e 29 postadas após 11 de março de 2020, quando iniciou este período, totalizando 55 postagens. Em termos metodológicos, nos inspiramos na Fenomenologia para apreender o sentido das mensagens postadas; e para realização da análise crítica, nos orientamos pelo pensamento de Jean-Paul Sartre e de estudiosos que concebem as relações de trabalho como vínculos dialético, histórico e social. Os resultados indicam que o modo de trabalho mediado por aplicativo é fundamentado pela ideologia neoliberal que imputa aos trabalhadores informais condições de vulnerabilidade e desamparo.

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados finais da Pesquisa de Iniciação Científica (PIC) intitulada “O Contexto de Trabalho Informal pela Perspectiva de Trabalhadores de Uber”, realizada no período de setembro de 2020 a agosto de 2021, pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. A partir deste estudo, pretendeu-se compreender como trabalhadores e trabalhadoras de Uber significam o seu trabalho.

A Uber cristaliza em seu processo conjunturas de precarização de trabalho, considerando que o trabalho mediado por plataformas virtuais, cujos aplicativos são disponibilizados por empresas, tornou-se uma alternativa para trabalhadores, mas que não são remunerados por elas. O

objetivo da Uber é administrar uma plataforma global que busca conectar motoristas e passageiros em todos os países em que o aplicativo Uber é disponibilizado, adotando políticas de flexibilização. A relação entre este aplicativo e os seus motoristas, denominados pela empresa Uber como “parceiros”, é mediada por uma plataforma que os enquadra como prestadores autônomos de serviços. Nestes termos, ao final de cada corrida é gerado um valor financeiro baseado no tempo gasto, na distância percorrida e na relação entre oferta e demanda do motorista de cada região, o que resulta na remuneração deste (BIANCHI, MACEDO e PACHECO, 2020).

Não obstante, Bianchi et al (2020) utilizam a expressão “uberização” para identificar relações de trabalho que nascem dessa conjuntura informal e que, conseqüentemente, revela-se como elemento intensificador das desigualdades sociais. Esta nova dinâmica laboral não se desconecta da pedra angular do capitalismo: a exploração do trabalhador. O vínculo empregatício com a empresa Uber dilui-se em meio à tecnologia, endossando uma relação clássica de trabalho que exclui do trabalhador os seus direitos e garantias fundamentais, imputando ao indivíduo o desamparo e a falta de proteção social.

Em face do exposto, no que diz respeito aos objetivos específicos, esta pesquisa teve-se como enfoque: (1) desvelar a compreensão que os trabalhadores de Uber têm da uberização; (2) compreender a noção que os trabalhadores têm da empresa-aplicativo Uber; (3) identificar como esses trabalhadores compreendem a sua relação com a (3.1) empresa-aplicativo Uber e (3.2) seus clientes; e por fim, (4) compreender como ocorre a cultura sexista neste contexto específico de trabalho.

Materiais e métodos

Os caminhos percorridos para coleta de dados foi a utilização da rede social virtual *Facebook*. Esta plataforma tecnológica permite a criação de grupos públicos e privados entre os seus membros para se comunicarem. Diante disto, optamos por selecionar os conteúdos de nossa pesquisa diretamente em dois grupos públicos do *Facebook* formados por trabalhadores e trabalhadoras de Uber, por meio do sistema de busca do mesmo, utilizando as palavras-chave (descritores) “Trabalho”, “Uberização”, “Uber”, “Passageiro”, “Passageira”. É importante ressaltar que resguardamos os nomes dos usuários, nos valendo apenas do conteúdo das postagens públicas autorais.

Devido à expansão da pandemia global do novo coronavírus, as postagens foram coletadas em dois períodos: 27 postagens selecionadas dizem respeito às realizadas no período anterior ao isolamento social no Brasil (durante o ano de 2019; janeiro e fevereiro de 2020), e 28 postagens selecionadas foram realizadas após o dia 11 de março de 2020, o que apreendeu o período de isolamento social. No total, foram selecionadas 55 postagens.

As mensagens públicas autorais, por conseguinte, foram agrupadas em eixos temáticos que correspondem aos objetivos específicos da pesquisa, e divididas, respectivamente, entre as postadas antes e durante a pandemia. Para tanto, nos inspiramos na Fenomenologia para apreender o sentido do conteúdo das postagens, por conseguinte, realizar o agrupamento delas. O método fenomenológico permite que o pesquisador realize a redução ou *epoché* para alcançar o fenômeno, analisando-a e concebendo o verdadeiro significado do fenômeno (COLTRO, 2002).

Resultados e Discussão

Deste modo, os eixos temáticos elencados a partir do agrupamento das postagens foram os seguintes: “Eixo 1 – A uberização e o sentido da Uber para os trabalhadores”, que agrupam postagens relacionadas aos objetivos (1), (2), (3) e (3.1); “Eixo 2 – A relação do trabalhador com o cliente”, que contempla o item (3.2); e o “Eixo 3 – A cultura sexista nas relações de trabalho da Uber”, que engloba o objetivo (4).

A análise dos fenômenos apreendidos nas postagens foi inspirada no pensamento sociológico de Jean-Paul Sartre, seus interlocutores e outros estudiosos do mundo do trabalho que concebem a relação do trabalhador com e no trabalho como um vínculo dialético, social e histórico.

Conforme os fenômenos apreendidos nas postagens, o Eixo 1 foi subdividido em: 1.1 Sentidos da Uberização e das condições de trabalhos oferecidas pela Uber: a exploração, vulnerabilidade, o desamparo; 1.2 A condição que destaca a importância do trabalho da Uber: a alienação; e 1.3 Sentidos que desvelam as contradições da ideologia da Uber e suas consequências: a denúncia do trabalho que desumaniza. Neste eixo, compreendemos as postagens que contemplam a forma em que trabalhadores e trabalhadoras apreendem os efeitos do trabalho uberizado. Enquanto uma parcela de indivíduos encontra-se alienados diante do projeto soberano da ideologia neoliberal da Uber, outros trabalhadores e trabalhadoras denunciam as condições alienantes de trabalho produzido pela empresa-aplicativo que resultam no adoecimento do trabalhador.

Sobre o Eixo 2, subdividimos os conteúdos compreendidos em: 2.1 – Falta de reconhecimento e desrespeito do usuário para com o motorista; 2.2 – Escassez de usuários de Uber; 2.3 – Crítica de trabalhadores de Uber aos usuários que aderem ao isolamento social, e 2.4 – Relação de favorecimento do usuário pela empresa e desfavorecimento do motorista. Com base nestas postagens, identificamos os cenários de desigualdade social que permeiam este modo de trabalho e assolam a classe trabalhadora.

Segundo Abílio (2020), a dificuldade da existência do vínculo trabalhista, baixas qualificações e remunerações associadas a exploração e a desvalorização profissional, imputam a esses trabalhadores e trabalhadoras uma realidade laboral marcada pela falta reconhecimento em relação à sociedade brasileira. Conforme as expressões postadas durante a pandemia do novo coronavírus, percebemos a existência de contradições socioeconômicas que evidenciam o favorecimento do usuário pela empresa-

aplicativo em bonificações e promoções de viagens grátis; por outro lado, em relação aos trabalhadores, constatamos que os períodos de isolamento social têm produzido consequências que afetam a única renda mínima do trabalhador uberizado, produzindo contextos de desamparo e de poucas perspectivas de melhora econômica.

Por fim, no Eixo 3 – “A cultura sexista nas relações de trabalho da Uber”, esperava-se encontrar postagens que evidenciassem os cenários de desigualdade de gênero. No entanto, não foram encontradas postagens que desvelassem esse conteúdo. À vista disto, orientamos a análise deste eixo considerando a ausência de posts que expressam a cultura sexista. Ressaltamos que este contexto pode ocorrer devido à divisão sexual do trabalho que produzem dificuldades de inserção de motoristas mulheres neste modo laboral predominante masculino. Essa condição propicia cenários de desigualdades que facultam a discriminação, e podem explicar a ausência de expressões de mulheres nos grupos de trabalhadores de Uber no *Facebook*. Ademais, há grupos fechados de motoristas mulheres de Uber criados nesta plataforma social virtual.

Conclusões

Diante do exposto, conclui-se que esta organização social de trabalho se edifica por projetos oportunistas que produzem condições de vulnerabilidade aos trabalhadores informais. No entanto, ressaltamos haver trabalhadores conscientes desta condição exploratória e para tal, evidenciamos a necessidade da superação do projeto político neoliberal por uma luta coletiva de trabalhadores que priorizem o acesso aos direitos sociais garantidos pela constituição.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Maringá pelo incentivo à pesquisa e a contribuição para uma formação profissional de qualidade. À minha orientadora Sylvia Mara Pires de Freitas pelos ensinamentos, direcionamentos e encaminhamentos durante este processo. E a minha família e amigos, pelo incansável apoio aos estudos.

Referências

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*? **Estudos Avançados**, Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho. Campinas, 2020.

BIANCHI, S. R.; MACEDO, D. A. de; PACHECO, A. G. A uberização como forma de precarização do trabalho e suas consequências na questão social. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**. Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 134-156, 2020.

COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v. 1, n. 11, p. 37-45, 2000.